



<http://ensaios.usf.edu.br/>

AS MEMÓRIAS NARRADAS POR IDOSOS SOBRE O TEMPO ESCOLAR
THE MEMORIES NARRATED BY ELDERLY ON SCHOOL TIME

BERNARDO, Renata¹ ANJOS, Daniela D.² PEREIRA, Lícia M.³
Universidade São Francisco
brenatta@gmail.com

RESUMO. O presente projeto teve como objetivo oportunizar o desenvolvimento de uma aprendizagem humanista com alunos do Curso de Pedagogia, a partir de entrevistas narrativas com idosos que vivem no Asilo São Vicente de Paula, instituição que se localiza na cidade de Bragança Paulista, sobre suas memórias e experiências de escola. O foco desta pesquisa centrou-se nas narrativas de idosos sobre suas memórias escolares, no tocante às experiências que trazem em sua história de vida, em específico no tempo vivido referente à escola. Como objetivo mais amplo o projeto teve a intenção de oportunizar a humanização dos estudantes do Curso de Pedagogia a partir da vivência com os idosos, conhecendo suas experiências e memórias escolares, sendo que, especificamente, a pesquisa pretendeu: desenvolver o conhecimento da história e memória da educação escolar local e regional através das memórias escolares dos idosos da referida instituição; identificar as possibilidades e limites da pesquisa em educação através das narrativas de idosos sobre o tempo escolar. A pesquisa é de caráter qualitativo aproximando-se dos estudos biográficos na educação, tendo como suporte metodológico entrevistas narrativas. Nas narrativas os idosos apontaram várias condições a partir de suas lembranças do tempo escolar como: o papel do professor em suas trajetórias de vida, os processos de exclusão e punição vividos na escola, bem como a condição social da infância a partir da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: memórias escolares; experiências; narrativas de idosos.

ABSTRACT. The objective of this project was to promote the development of a humanistic learning with students of the Pedagogy Course, based on narrative interviews with elderly people living in the São Vicente de Paula Asylum, an institution located in the city of Bragança Paulista, on their memories and experiences. The focus of this research centered on the narratives of the elderly about their school memories, regarding the experiences they bring in their life history, in particular in the lived time related to the school. As a broader objective, the project aimed to promote the humanization of students of the Pedagogy Course, based on their experience with the elderly, knowing their experiences and school memories, and specifically the research aimed to: develop knowledge of history and memory of local and regional school education through the school memories of the institution's senior citizens; to identify the possibilities and limits of research in education through the narratives of the elderly about school time. The research is of qualitative character approaching the biographical studies in the education, having as methodological support narrative interviews. In the narratives, the elderly pointed out several conditions based on their memories of school time, such as: the role of the teacher in his life trajectories, the processes of exclusion and punishment lived in school, as well as the social condition of childhood from the second half of the century.

Keywords: school memories; experiences; narratives.

INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como objetivo oportunizar o desenvolvimento de uma aprendizagem humanista com alunos do Curso de Pedagogia, a partir de entrevistas narrativas com idosos que vivem no Asilo São Vicente de Paula, instituição que se localiza na cidade de Bragança Paulista, sobre suas memórias e experiências de escola.

Importante ressaltar que este projeto extensão originou-se na participação dos estudantes do Curso de Pedagogia, inicialmente, com visitas, leituras e vivências com os idosos do referido Asilo, da Universidade São Francisco (USF), que integra diversos cursos de graduação em ações extensionistas em diferentes frentes e instituições.

Trabalhar a memória escolar, tentando entrelaçar as lembranças da escola vivida, com os idosos, apresenta-se como uma importante oportunidade de troca entre estes sujeitos e os alunos em processo de formação docente inicial, no que se refere ao desenvolvimento do conhecimento da história e memória da educação escolar local e regional, promovendo a interface com os conteúdos visitados e aprendidos durante a graduação.

Nesta perspectiva, a escola como espaço que ao ser significado pelos idosos torna-se lugar de referência, alicerçando-me nas leituras de Viñao Frago e Escolano (2001, p. 71) que ao tratarem da dimensão espacial dos estabelecimentos de ensino e a da dimensão educativa do espaço escolar, para além dos mobiliários, tratam dos espaços e sua arquitetura na dimensão de lugar, a escola, sendo também uma construção cultural implicando em várias questões a serem analisadas.

Assim, as experiências escolares e o universo escolar vivenciado pelos idosos trazem elementos constituintes do que se pode denominar de culturas escolares, através de suas memórias escolares, da infância e juventude.

Inspiradas no livro de Ecléa Bosi (1994) “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, onde aborda que a memória dos velhos desdobra e alarga os horizontes da cultura e pode ser trabalhada como um mediador entre a geração atual e as testemunhas do passado, como transmissora de valores, conteúdos e atitudes, constituintes da cultura, justificamos este projeto de pesquisa na perspectiva de colocar nossos estudantes de Pedagogia em um movimento de escuta e aprendizado com idosos, tanto em níveis extensionais quanto de pesquisa.

A função da memória no trabalho com as narrativas vincula-se ao sentido dado pelo narrador às suas lembranças trazendo-as à tona e tornando-as significativas ao processo de narrar e à sua história de vida. Assim, para Bosi (1994, p. 89), a função da memória não é reconstruir o tempo e tampouco anulá-lo, para a autora: “Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte [...] e realiza uma evocação, um apelo para aprender a ver o que quer [...]”, entendendo que, ao narrarem duas histórias de vida, os idosos evocarão o percurso vivido através das memórias de escola.

Neste sentido, escolhemos trabalhar com narrativas orais pelo fato das narrativas expressarem os valores e experiências do sujeito no seu lugar social, em um movimento que escolhe o que é mais ou menos importante, revelando a lógica social do tempo e do espaço em questão, passando por e pela memória social. Ela se inscreve na constituição de subjetividades, como afirma Souza (2007, p. 69): “Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes”.

Para Benjamin (1994), no processo de narrar a própria história está o papel daquele que narra e daquele que escuta, ou melhor, somente existe um narrador porque existe um ouvinte. Em seu texto intitulado “O Narrador” (1994), Benjamin declara “[...] a capacidade de ouvir se vai perdendo e perde-se também a comunidade dos que escutam [...]”, para o autor “[...] narrar histórias é sempre a arte de transmiti-las depois, e esta acaba se as histórias não são

guardadas. Perde-se porque ninguém mais fia ou tece enquanto escuta as narrativas [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 204 e 205).

Nesse movimento analítico, as narrativas dos idosos, oriundas das entrevistas narrativas devem ser compreendidas, a partir do contexto, no qual os acontecimentos e episódios se inserem, respeitando as singularidades das experiências vividas desses sujeitos que, juntas, compõem sua história de vida.

Contudo, o foco desta pesquisa centra-se nas narrativas de idosos sobre suas memórias escolares, no tocante às experiências que trazem em sua história de vida, referenciando os lugares, os episódios, as imagens, as pessoas que, intencionalmente, ou não, impulsionados pela emoção das lembranças do passado, trazem do tempo vivido referente à escola.

Diante do que pontuamos acima, delineamos para este projeto os seguintes questionamentos:

- Como as narrativas de idosos sobre as memórias escolares podem contribuir para o conhecimento da história e memória da educação escolar local e regional, considerando a localidade da Região Bragantina?
- De que forma a troca de experiência entre os idosos e estudantes de graduação do Curso de Pedagogia pode oportunizar uma formação mais humanizada destes jovens?
- Quais as potencialidades do trabalho com as memórias e as narrativas de idosos para a pesquisa em educação?

Como objetivo mais amplo o projeto tem a intenção de oportunizar a humanização dos estudantes do Curso de Pedagogia a partir da vivência com os idosos, conhecendo suas experiências e memórias escolares, sendo que, especificamente, a pesquisa pretende:

- Desenvolver o conhecimento da história e memória da educação escolar local e regional através das memórias escolares dos idosos da referida instituição;
- Promover a troca de experiências entre os alunos no que se refere às vivências e entrevistas realizadas com os idosos;
- Identificar as possibilidades e limites da pesquisa em educação através das narrativas de idosos sobre o tempo escolar.

Nesse diálogo e na perspectiva de olhar e considerar estes sujeitos a partir de suas experiências, trabalhar com as entrevistas narrativas pressupõe como destaca as palavras de Larrosa (2002, p. 21), “[...] dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras”.

Bertaux (2010, p. 53) afirma que “Não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignorarmos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência.” Para o autor, há um “projeto de vida” que foi decidido em algum momento da vida e compartilhado, trilhado “falado, dialogado, construído, influenciado e negociado ao longo da vida em grupo” (p. 53), porém é importante ressaltar que existem contingências no percurso da vida que direcionam tal projeto, determinado por lugares improváveis, que não foram pensados antes nem planejados para se chegar.

Para Larrosa (2002, p. 24): “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” para ele, para que a experiência aconteça é preciso “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, escutar mais devagar, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Para Passegi (2010, p. 104), “se narrar é humano, o trabalho de biografização é uma ação civilizatória, que exige manuseio de tecnologias, marcadas pela cultura, que arrastam consigo relações de poder e implicam saberes, querer e deveres.” Para a autora, ainda, “o ato de (auto) biografar define-se por essa capacidade humana de se apropriar de um instrumento semiótico (grafia) culturalmente herdado, e se colocar no centro do discurso

narrativo (autobiografar) , ou colocar o outro como protagonista de um enredo (biografar).” (p. 111)

Assim, entendemos que, a partir da narrativa de sua vida, o sujeito toma consciência de si mesmo, em um processo de acesso ao passado através da memória, desenhando sua própria história no movimento reflexivo que a narrativa produz.

METODOLOGIA

Os estudantes fizeram visitas ao Asilo São Vicente de Paula convidando os idosos a participarem do projeto, uma vez que já tiveram contato com a instituição e com estes sujeitos. Os idosos que aceitaram, espontaneamente, fizeram parte do projeto que abordou suas memórias escolares. Munidos de um diário de campo os estudantes registraram suas dúvidas, impressões e dificuldades no percurso da pesquisa.

Antes do início do projeto, este foi submetido ao Comitê de Ética da USF, sendo que, aos sujeitos envolvidos foram solicitadas a autorização para sua participação mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, conforme preconiza a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde.

A pesquisa é de caráter qualitativo aproximando-se dos estudos biográficos na educação, tendo como suporte metodológico entrevistas narrativas. As entrevistas narrativas possuem questões norteadoras que estão vinculadas ao foco, aos questionamentos e aos objetivos da referida pesquisa. As entrevistas narrativas foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas e textualizadas pelos estudantes sob a supervisão dos professores coordenadores da pesquisa, e submetidas à aprovação dos idosos participantes do estudo com as devidas devolutivas, para a composição dos dados e posterior elaboração de textos científicos.

Escolhemos as entrevistas narrativas para a pesquisa das memórias escolares de idosos, amparadas em Jovchelovitch e Bauer (2011, p. 95), em que a entrevista narrativa é “[...] considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas”, pois não corresponde às formas preestabelecidas de entrevista com pergunta e resposta; ela “emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história” para atingir os objetivos propostos com a pesquisa que se serve dessa metodologia.

Para Jovchelovitch e Bauer (2011, p. 90), a entrevista narrativa tem elementos constituintes próprios, que devem ser considerados na apropriação da pesquisa, apresentando “[...] a entrevista narrativa como um método de geração de dados” em que discute o procedimento e a técnica e o seu consequente uso nas pesquisas.

Concordando com Bertaux (2010), a entrevista narrativa é uma forma de produção de dados para a pesquisa de abordagem biográfica, pois segundo esse autor, a melhor forma de se obter narrativas de vida é por meio da entrevista narrativa.

A entrevista narrativa tem como base “questões exmanentes”, que “refletem o interesse do pesquisador”, para provocar a narração dos sujeitos, em que a regra é deixar o depoente seguir com a sua narrativa, contando a sua história da forma mais espontânea possível, contando com o surgimento de “questões imanentes”, que são “os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração [...]” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 96-97).

Numa entrevista narrativa, o pesquisador parte de questões exmanentes, ou seja, aquelas que estão diretamente relacionadas ao seu foco de pesquisa. Geralmente são questões amplas, que possam disparar uma conversa com o entrevistado, de forma que ele possa narrar seu percurso pessoal. Durante a entrevista, o pesquisador se limita a ouvir e apresentar sinais de que está concordando com o que está sendo dito, visando encorajar o entrevistado a falar

de si. Quando há sinais de que o assunto está encerrado, o pesquisador formula perguntas iminentes, ou seja, questões que emergem do que foi narrado.

Para Schütze (2010) esse movimento é que possibilita que o entrevistado possa falar de si, sem ser interrompido pelo pesquisador. Este, por sua vez, embora não deva interromper o entrevistado, não pode perder os fios daquilo que está sendo narrado, solicitando ao final da narrativa, complementações de acontecimentos que não ficaram claros ou fragmentados. Para o autor ainda, a entrevista narrativa “produz dados textuais” que “[...] reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia, de um modo que só é possível no contexto de uma pesquisa sociológica sistematizada” (2010, p.213), porém, sendo necessário considerar não somente o “curso externo” dos acontecimentos, mas, principalmente, “as reações internas, as experiências do portador da biografia com os acontecimentos e sua elaboração interpretativa [...]”.

A narrativa tem como função despertar a reflexão da formação de si e do outro, passando sempre pela interpretação do cunho teórico do pesquisador, sua textualização, a partir das intencionalidades e questões propostas na pesquisa. Como aponta Delory-Momberger (2008, p. 95), “A narrativa não apresenta ‘fatos’, mas ‘palavras’: a vida narrada não é a vida. Essa constatação tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil de se levar em conta, tão forte é a ilusão do *realismo* da linguagem, merece ser constantemente (re)lembrada” (grifos da autora). Sem dúvida, esse é o grande desafio enfrentado pelo pesquisador que se propõe a trabalhar com narrativas. O sujeito ao narrar se autointerpreta, atribui sentido à sua existência; constrói a história de sua vida. “É a narrativa como gênero do discurso, que não é apenas o meio, mas o lugar dessa operação: *nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida*” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 97, grifos da autora).

Percorrendo ainda a importância da narrativa como caminho de investigação, Bruner (1997, p. 46) aponta: “Talvez sua propriedade principal seja sua sequencialidade inerente: uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou atores”, sendo o seu significado dado pelo narrador diante da configuração de um enredo em que “O ato de captar uma narrativa é, então, duplo: o intérprete tem que captar o enredo configurador da narrativa a fim de extrair significado de seus constituintes, os quais ele deve relacionar ao enredo”.

As entrevistas narrativas realizadas no asilo com os idosos, que aceitaram participar do projeto, foram áudio-gravadas e transcritas pelos estudantes para a realização das análises apresentadas neste texto na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados vários encontros no Asilo São Vicente de Paula dos estudantes junto aos idosos asilados para que a ambientação dos estudantes ao contexto asilar, bem como para que pudessem estabelecer vínculos de confiança com os idosos. Após este período de ambientação, os estudantes convidaram vários idosos para narrarem suas experiências escolares, sendo que vários se prontificaram a contar suas memórias.

Antes de partirmos para as entrevistas narrativas, os estudantes se aprofundaram em pesquisas e leituras de diversos textos indicados pelas referências bibliográficas, dentre outros que abordam a temática do projeto, os quais foram discutidos entre si junto com os professores orientadores para a fundamentação teórica do trabalho pretendido. Este aprofundamento teórico, mostra-se de extrema importância para que os estudantes tivessem consciência da postura ética que deveriam ter ao abordarem idosos em condição asilar, no tocante de escutarem suas memórias, entendendo que a memória está relacionada às

lembranças que podem emergir sentimentos e emoções que estão guardadas na cadência do tempo.

No nosso primeiro encontro, realizamos, professores e estudantes, a leitura do texto “Memórias e Odores: experiências curriculares na formação docente” de Maria Inês Petrucci Rosa e Tacita Ansanello Ramos (2008), este texto contribuiu para entendermos na relação das lembranças se configurarem de outras formas, ou seja, a partir dos odores que arremetem às lembranças boas e ruins, no caso do texto, no contexto escolar.

No decorrer dos encontros com os estudantes sobre as visitas ao Asilo e a escuta das narrativas dos idosos, fomos aprofundando nas leituras para o respaldo da análise da experiência que estavam vivenciando na convivência com estes sujeitos, sendo que no segundo encontro do projeto, os estudantes relataram as impressões sobre as narrativas dos idosos a partir da leitura do livro de Ecléa Bosi “Memória e Sociedade” (2004), em que pontuamos a necessidade de observar os temas que pudessem sobressair das memórias escolares dos idosos quando entrevistados.

Com base nas leituras e reflexões o próximo passo foram as entrevistas aos idosos, sendo feitas várias perguntas exmanentes aos idosos que se remeteram às lembranças escolares, sendo que as perguntas não foram repetitivas e cansativas, originando novas sugestões para proporcionar uma melhor convivência e interação no ato de rememorar entre os idosos do asilo.

Os estudantes se organizaram também para a escrita de um Diário de Campo, com o intuito de registrar as leituras e impressões acerca do andamento do projeto, das visitas ao asilo, do encontro com os idosos e da percepção em relação à humanização que o trabalho com a memória pode trazer tanto para aquele que narra, quanto para aquele que escuta.

Rememorar os tempos escolares, resgatando lembranças da escola em um movimento de entrelaçamento de detalhes, acontecimentos e registros, compõe as experiências vividas pelos idosos, no que se refere à sua vida escolar.

Neste texto trazemos os principais elementos que surgiram nas narrativas dos idosos em relação às suas memórias escolares, o que denotou a compreensão do tempo escolar vivido pelos idosos a partir do aprofundamento teórico necessário para a realização da análise.

É importante ressaltar, que não citaremos os nomes dos idosos, para resguardar sua identidade, como também traremos a análise do que foi narrado e não excertos das narrativas.

Assim, as narrativas trouxeram à tona tempos escolares que eram contados por punições e castigos físicos e psicológicos, abandono escolar, o papel do professor na trajetória de vida destes sujeitos, bem como, a consciência de que na infância a escola foi ausente o que determinou várias condições futuras de sobrevivência.

Sobre os castigos e punições vários idosos narraram que ao sinal de qualquer quebra de regras no contexto escolar, as punições eram a palmatória, ficar virado para a parede, não participar do horário de recreio, exposição à situações vexatórias perante ao grupo que pertencia, sempre as punições eram efetuadas pelos professores e diretores da escola.

Muitas vezes, tais situações remetiam ao abandono da escola, ou seja, a própria família retirava-os da escola por não cumprirem o que era devido.

Viñao Frago e Escolano (2001) abordam que a escola é um espaço e lugar demarcado internamente pela divisão do tempo, do trabalho, das tarefas cumpridas, da vigilância e do controle, o que implica na consideração da escola em ser um lugar e espaço constituído por características próprias que, por meio de vários elementos, sendo eles, sociais, políticos, econômicos e culturais a constitui através do tempo e da história.

A escola constitui-se pelos processos nela vividos, sendo que, os espaços que constituem a escola atual, como foram sendo formados, quais seus objetivos, como estes espaços foram sendo significados e transformando-se em lugares escolares, elucidam as concepções pelas quais a cultura escolar, ou as culturas escolares corroboram com o

entendimento e a formação de suas personagens, sendo elas, os professores, alunos, jovens, crianças, diretores, bem como tantos outros profissionais.

As marcas relativas aos laços de amizade feitos entre pares no decorrer da trajetória na escola, as experiências vividas de aceitação e acolhimento, bem como de isolamento e discriminação. Isso confirma posições como as Barbosa (2007) e Perrenoud (1995) de que a escola é também espaço de socialização, espaço que, para muitos, se tornam lugares de convivência afetiva. Para alguns, espaços justos, como considera Dubet (2008). De qualquer forma, a escola fez a diferença – positiva ou negativa – nas vidas desses idosos.

Ao tratar da cultura escolar como objeto histórico, Julia (2001) nos chama a atenção para a demarcação própria do contexto da escola – as práticas escolares, conteúdos, normas, arquivos, professores e alunos –, mas não qualquer escola; falo da escola moderna, vivenciada nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, que se denomina moderna por meio de um processo histórico que atravessa longas décadas.

Entendemos que são as práticas escolares, as normas e regras que determinam a cultura de uma escola, direcionando o ir e vir dos sujeitos que vivenciam o dia a dia nas instituições, configurando as realidades que atualmente definem a escola (PERRENOUD, 2005).

Os traços que circundam a escola moderna se configuram a partir de um determinado tempo, espaço e lugar, que, engendrado por fios históricos, sociais, políticos e econômicos, tem seus aportes no processo industrial e de inovações científicas e tecnológicas do século XVIII, principalmente com o auge nas suas últimas décadas, apontando para outros processos de organização e controle das sociedades (DUSSEL; CARUSO, 2003).

Acredito que ultrapassamos a era industrial em alguns sentidos e nos encontramos em uma sociedade da informação, a qual tem nas inovações tecnológicas os aparatos necessários para balizar a comunicação em tempo real, o que condiciona e, de certa forma, vem mudando as práticas e ações na escola, configurando outras culturas escolares.

A origem da escola moderna, segundo Hamilton (2001), deve ser pensada a partir de um movimento de desconstrução dos dispositivos históricos que influenciam na sua criação, ou melhor, configuram-na, e residem em variáveis como as práticas de ensino da Idade Média, séculos XV, XVI, XVII.

Entretanto, ao pensar nesses elementos, remetemo-nos à cultura escolar ou culturas escolares, no que se refere à tecnologia presente no espaço escolar, na arquitetura da escola, os materiais, as disciplinas escolares, a disciplina do tempo, os cursos estruturados em seriação, as práticas escolares, a inter-relação entre os saberes, os procedimentos e seus símbolos.

O cercamento do espaço escolar foi um processo que vai se constituindo de forma não linear e que também passou por critérios disciplinares calcados na higienização e eugeniação. Dessa forma, pensar na lógica da funcionalidade da escola, na questão da gestão do tempo matematicamente cronometrado, no conjunto de ideias, no imperativo da racionalidade e na gestão do espaço é pensar nas permanências e nos conflitos que constituem a escola moderna e, nessa perspectiva, pensar nas personagens que vivenciam esses processos e dão vida e significado à escola (VEIGA NETO, 2003).

Diante das novas tecnologias que interpenetram a escola, é possível pensarmos que outros meios de regulação dos sujeitos surgem, nos diversos contextos escolares, porém não menos conflituosos e disciplinadores que aqueles já existentes.

Pensar nas lembranças da escola é pensar em um tempo de descobertas, de convívio e de estreitamento de laços de amizades. Muitos idosos narraram os amigos feitos na escola que até hoje fazem parte de sua história de vida.

As experiências compreenderam muitas vezes momentos de dor, desamparo, em que têm que enfrentar o desconhecido, outras vezes as experiências foram prazerosas e cobertas de boas lembranças. As lembranças dos idosos realçaram as marcas sofridas por eles devido a

elitização do ensino, narrando por diversas vezes as estratégias de resistência e subjugação das regras e normas estabelecidas pela escola para garantir a sobrevivência na escola, burlando-as às vezes que necessário.

Em relação aos professores, importa ressaltar que muitos idosos sinalizaram a postura humana de alguns professores que tiveram na vida escolar, ressaltando que estes fizeram toda a diferença na sua trajetória e em sua história de vida.

Tanto para os estudantes do Curso de Pedagogia quanto para os idosos atentar-se para as narrativas dos tempos escolares foi compreender melhor a importância e o papel da escola na trajetória de vida das pessoas.

CONCLUSÃO

O projeto cumpriu com cronograma previsto, sendo realizada a primeira etapa com a leitura das referências teóricas referentes às temáticas abordadas pelo projeto, bem como foram discutidas e analisadas entre o grupo envolvido, a escrita do Diário de Bordo a partir das observações de campo, realizando-se as entrevistas narrativas com os idosos, suas leituras, transcrições e análises.

Acredita-se que outros desafios e entraves são inculcados desde cedo nas experiências vividas pelos idosos na escola e que marcaram suas trajetórias de vida, desembocaram no abandono escolar, na inconclusão da escolarização básica, marcando definitivamente o futuro destes sujeitos.

As narrativas contemplam também as ideias preliminares que os idosos têm sobre como é a escola, ou seja, o que poderia ser vivenciar a escola as experiências mostram outra realidade, muitas vezes coincidindo com os sonhos e idealizações e outras vezes nem tanto, porém, todos concordam que vale a pena.

As contingências da vida, como as questões econômicas e o papel e influência da família denotam marcas importantes a serem consideradas no processo de permanência dos idosos, pois a maioria deles narraram a necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família, pois a maioria narra que pertencem a famílias numerosas, com muito irmãos e que desde muito pequenos precisavam ajudar trabalhando para o seu sustento e o de toda a família.

Para os estudantes do Curso de Pedagogia, participar do projeto serviu para entender melhor como as memórias podem colaborar para a melhor qualidade de vida de idosos asilados, sendo que a aproximação com estes sujeitos, a partir da memória de escola, mostrou que nem sempre o espaço escolar esteve a serviço de todos de forma democrática, muito pelo contrário, puderam comprovar que a educação é demarcada por fronteiras elitizadas e que é preciso lutar como profissional da educação para a garantia de direitos adquiridos a bem pouco tempo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer das culturas. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, out. 2007, p. 1059-1083.

BENJAMIN, W. **O narrador**. Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. *In: . Obras escolhidas*. 7ª ed., 1994, São Paulo: Brasiliense, vol. I.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 1994.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 1997; Porto Alegre: Artes Médicas.
- BRUNER, J. **A interpretação narrativa da realidade**.
- CATANI, D. B.. *et al.* O que eu sei de mim: narrativas autobiográficas, história da educação e procedimentos de formação. **Educação e Linguagem**, jan-jun 2005, p. 31-50 (ano 8, n. 11).
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e formação continuada: a experiência e o projeto**.
- DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b, p.189-222.
- DUBET, François. **O que é uma escola justa? : a escola das oportunidades**. Trad. Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.
- HAMILTON, David. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 1, jan./jun. 2001, p.45-73.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 90-113.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 1, jan-jun/ 2001, p. 9-43.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, p.20-28, 2002.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez.p. 1-24, 2011.
- PASSEGGI, M.C.; SILVA, V.B.(orgs.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- PASSEGGI, M. da Conceição; SOUZA, Elizeu C. O método (auto)biográfico: pesquisa e formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p.11-14.
- PASSEGGI, M. da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M. da Conceição. **Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação.** <http://www.rizoma-freireano.org/index.php/narrativas-autobiograficas-solidariedade-e-etica-em-educacao-maria-da-conceicao-passeggi>. Acesso em 3/7/2012.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Porto Editora, 1995, p. 13-24 (Introdução).

ROSA, Maria I. P.; RAMOS, Tacita A. Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente. **Revista Brasileira de Educação.** V. 13, n. 39, set/dez. 2008.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 210-222.

SOUZA, Elizeu C. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. On: NASCIMENTO, A.D.; HETKOWSKI, T.M.(orgs). **Memória e formação de professores.** Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74.

VEIGA NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. (entrevista com Alfredo Veiga Neto). In: COSTA, Marisa V. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 103-126.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade.** 2ª ed. RJ: DP&A, 2001.